ORAÇÃO FUNEBRE

NAS EXEQUIAS

DE

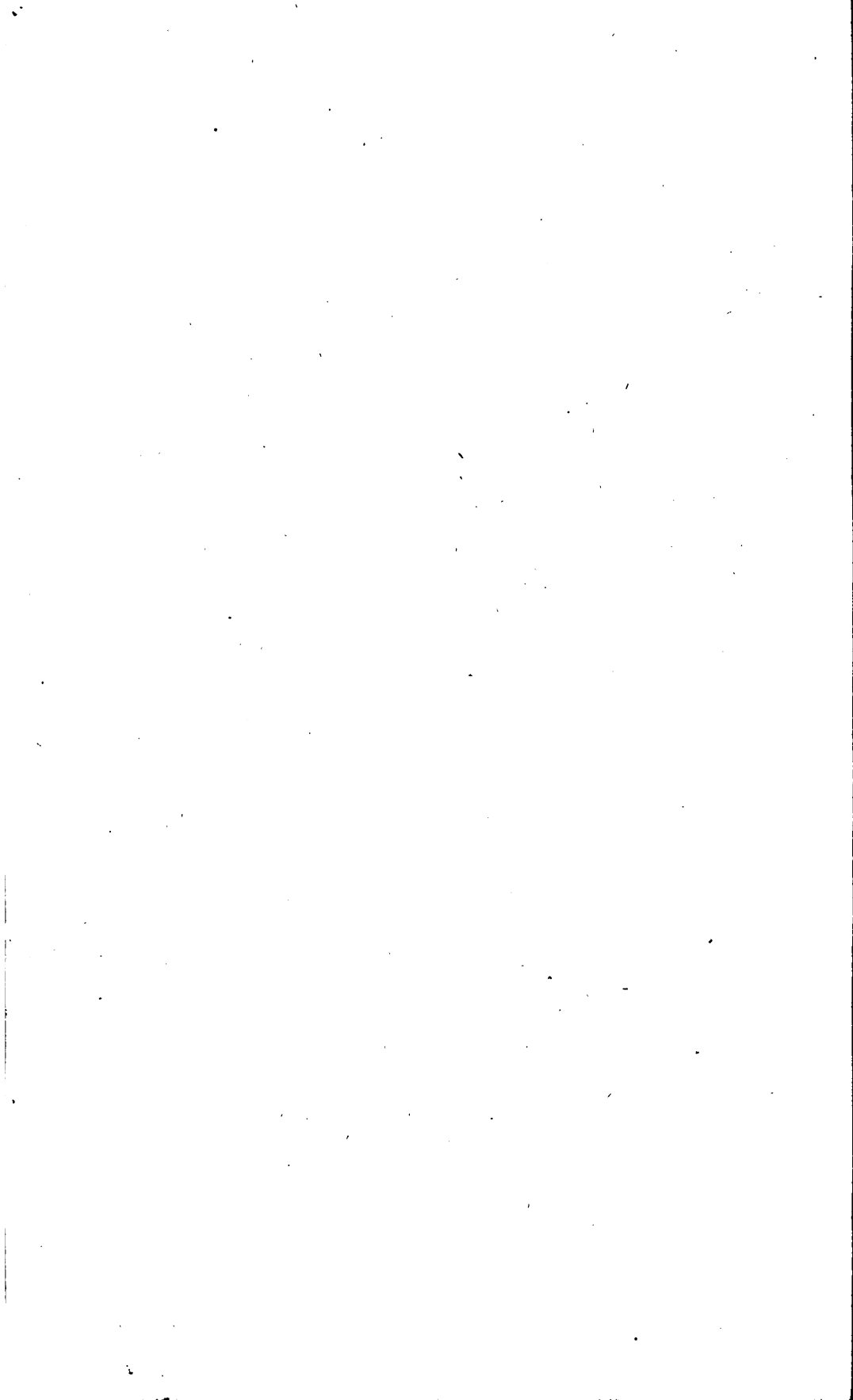
ALEXANDRE HERCULANO

MANDADAS CELEBRAR

PELO

CORPO COMMERCIAL DO PORTO

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1877

ORAÇÃO FUNEBRE

ORAÇÃO FUNEBRE

QUE

NAS EXEQUIAS

DE

ALEXANDRE HERCULANO

MANDADAS CELEBRAR

PELO CORPO COMMERCIAL DO PORTO

RECITOU

NA

EGREJA DA LAPA DA MESMA CIDADE

NO DIA 13 DE NOVEMBRO DE 1877

Antonio Candido Ribeiro da Costa

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1877

À

CIDADE DO PORTO

> «*Sapiens in populo haereditabit honorem, et nomen illius erit vivens in æternum.*»
>
> ECCLESI. XXXVII, 29.

D'ora em diante, sempre que se fizer o elogio d'esta cidade, logo depois de se dizer que ella operou a redempção politica de Portugal e labuta, sem treguas, nos propositos da sua redempção economica, deve accrescentar-se: e foi, em todo o paiz, a primeira que sagrou publicas homenagens e dedicou solemnissimos obsequios á memoria de Alexandre Herculano!

Era justo.

Se alguma povoação d'este reino devia extremar-se das outras em mais fervorosos cultos á memoria do eminente reformador da nossa historia,—essa povoação era o Porto. Aqui trabalha-se indefessamente, e elle foi a suprema glorificação do trabalho; aqui a liberdade é mais do que uma convicção profunda, é quasi um fanatismo para todas as consciencias, e elle adorou-a e quiz-lhe como á mais esplendente visão do seu espirito; aqui ha saudações para todas as grandezas e para todos os heroismos, e esse homem, que a morte propelliu ha pouco dos nossos estremecidissimos affectos para os frios mysterios d'um sepulchro, tinha mais que ninguem as grandezas do genio e os heroismos da virtude.

Pouco antes de o perdermos, París soluçava sobre o tumulo de Thiers as notas plangentes da mais intima saudade, e subpunha á sua memoria o condigno pedestal de milhões de bençãos, endereçadas ao illustre morto pela França, que elle salvara n'um milagre do seu talento, e pela humanidade, que edificara sempre com os exemplos da sua vida; ao mesmo tempo a Grecia humedecia com as suas lagrimas a sepultura de Canaris, que, exhausto e desfallecido nos derradeiros assomos do seu patriotismo, baixava emfim a descançar entre as cinzas dos antigos heróes, n'aquella terra que tanto amava e tão dignamente servira; e logo depois cahia Leverrier, o sublime astronomo, do extase, em

que sempre o tiveram as harmonias celestes, no chão d'um cemiterio, onde não vibrará jámais aos deslumbramentos do sol e á lucilação das estrellas...

Parece que a morte, pairando sinistramente por sobre os povos do occidente, e fixando-se depois nas mais altas culminações da intelligencia, e nas mais remontadas eminencias do valor pessoal, muito de proposito quizera associal-os nas tristezas do lucto, e nas provações da orphandade!

A nós tem-nos ido faltando quasi todos d'essa brilhante e já quasi lendaria geração, que ainda ha pouco presidia superiormente aos nossos destinos intellectuaes, e, desde o primeiro quarto do seculo, prodigou ao sacerdocio da sciencia, ao magisterio da litteratura, ao serviço das armas e á arte da palavra os mais formosos nomes e as mais luzidas glorias. Não vão rodados muitos mezes desde que se partiu na pedra do tumulo a lyra d'um enorme poeta; pouco antes emmudecia para sempre a voz d'um famoso tribuno; hontem soldava-se perpetuamente á bainha a flammejante espada d'um grande general; hoje cahe de vez ao maior escriptor da peninsula a penna inspirada e corajosa, que era nas suas mãos uma lição de dignidade e uma columna de fogo.

Vão-se trasladando para a eternidade, uns apoz dos outros, quasi sem intermissão de dias; e nós, antes de podermos contemplal-os na outra margem

d'além, redivivos e majestosos nos nimbos da sua gloria, temos de dobrar consternadamente a fronte, de dar o seu nome ás estrophes d'uma elegia nacional, e de procurar desopprimir-nos de tamanha magua revestindo das côres do nosso lucto as paredes d'uma egreja e o corpo d'uma eça...

É a anarchia do crepusculo interposto fatalmente aos dois luminosos espaços da existencia d'elles; é o direito reclamado pela morte ainda a respeito dos que já têm o seu nome travado com toda a duração do tempo!

Mas consolemo-nos, meus senhores, que esta interinidade acaba e a posteridade, cedo ou tarde, vinga-os. Então cessam as lagrimas, terminam as saudades, perdem-se nos abysmos do espaço as notas elegiacas, cahem os pannos mortuarios, desfaz-se e desconjuncta-se a eça, e a memoria d'elles, apeada do catafalco, que é o estrado da morte, e despida d'estas fórmas luctuosas e funebres, transfere-se para os amplos e luminosos recintos da historia, onde toda a realeza tem um throno, toda a grandeza uma corôa, palmas o martyrio, louros o genio, cada virtude um galardão, um premio todo o merecimento. O seu espirito, se foi muito justo e muito digno, esse voou logo das terrenaes contenções da vida para as perpetuas glorificações do Infinito; mas nem sobre o seu corpo, meus senhores, o que ha de mais des-

valioso e fragil, de mais contingente e transitorio, a morte exercita absoluto dominio!

Cerrou-lhes as palpebras, collou-lhes os labios, gelou-lhes o sangue, inteiriçou-lhes os membros, paralysou-lhes o cerebro, immobilisou-lhes o coração; mas, se invocadas n'esse afflictivo lance, a estatuaria e a pintura lhes tomaram conta do semblante, póde bradar a memoria humana: «Corpo que foste a lampada d'uma brilhante luz e o involucro d'um fulgidissimo espirito, nem tu acabarás de todo!» E lá ficam as fórmas do seu corpo na perpetuidade das telas e na eternidade do marmore.

É assim que a posteridade os vinga.

O nome de Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo foi inscripto, ha dois mezes, nos registros funerarios d'este paiz; no livro d'ouro d'este seculo está elle, porém, gravado desde muito pela fervorosa admiração de nacionaes e de extrangeiros, que não sabem ao certo o que mais avulta a gigantea estatura d'esse homem: se o raro ingenho com que a providencia singularmente o privilegiou, ou as joias sem preço do seu intemerato e formosissimo caracter.

Não constello o seu nome de heraldicas florescencias, como tambem lhe não dou relevo com as ostentosas prosapias d'uma illustre e fidalga genealogia.

Não ha espaço, nem motivo para isso no elogio do sapientissimo escriptor. Um berço, que foi simplesmente modesto e honrado, e um tumulo, que é notavelmente singelo e humilde, são as duas balisas a dentro das quaes se estadêa e preluz a sua virtuosa e dignissima existencia. Á posteridade, porém, quando se defronta com grandezas d'esta ordem, é-lhe de todo o ponto indifferente que o seu natal haja sido entre as purpuras e os arminhos do patriciado, ou que lhes tenha alvorecido a existencia no chão da mais desamparada pobreza.

A sua genealogia é outra; é a do seu espirito, é a das suas obras. Homero é avô do Dante; entre os mais remotos ascendentes de Guizot e de Thierry aponta a critica os nomes de Herodoto e de Tacito: ora á familia d'uns e outros é que pertence Alexandre Herculano, pensador e poeta, primeiro historiador da peninsula e insignissimo estylista portuguez.

Que formosos titulos, que esplendidos titulos estes! E ainda não são todos os que o fazem benemerito de eterna memoria, porque, se Alexandre Herculano foi um prodigio de sciencia, foi tambem um assombro de virtude, e se para o seu espirito houve um só ideal, que foi a verdade, para a sua consciencia houve uma unica inspiração pratica, que foi a justiça.

A verdade e a justiça, eis ahi as duas paixões que totalmente o encheram e dominaram. Qual d'ellas a

maior? Qual a mais entranhada ou a mais ardente? Da pyramide representativa da sua gloria, qual occupará o vertice luminosissimo?

Não sei. Quando sobre uma pedra preciosa e muito luzente incidem os raios do sol, ninguem póde graduar devidamente os visos que resaltam das suas arestas e facetas; pois a mesma indecisão, a mesma impossibilidade se dá logo que a admiração da nossa alma tem por objectivo uma d'estas organisações, em que a natureza põe patentes os seus maximos poderes, para que sejam um irresistivel convite á honra e ao dever, e depois, na historia, rebrilhem em perennal testemunho da grandeza humana e da omnipotencia divina.

Se Alexandre Herculano me desvela a sua nobre consciencia de homem e de escriptor, que não sentiu, que não respeitou outras influencias, senão as da mais rigida e meticulosa dignidade; se vejo que se alliança n'elle ao mais alto merecimento a mais perfeita abnegação, e a sensibilidade mais fina, mais exquisita a um juizo robusto e segurissimo; se o ouço, em meio d'este seculo descrente e egoista, entoar piedosamente os hymnos de Deus, ou soltar aos ventos do paiz eloquentissimos pregões de caridade em prol de miseraveis e de vencidos; se o admiro na pureza do seu civismo, na sinceridade das suas crenças, e em todas as provas difficeis da sua moral sublime e antiga, — parece-me

que a justiça foi a feição proeminentissima do seu caracter.

Mas se o contemplo no fecundo labor do seu genio, copiando da phantasia, da sociedade ou dà natureza as mais surprehendentes perspectivas da arte, ou arrancando ao proprio sentimento as mais grandiosas vibrações da poesia; quando o vejo, revolucionario da sciencia e da litteratura, resuscitar o passado para as telas do romance e para os paineis da historia, e apontar com mão firme o caminho do futuro a todos os espiritos sinceros e avidos de luz; quando o vejo receber a peito descoberto quantos insultos e argumentos quiz dardejar-lhe a ignorancia ou a má fé, e, depois, heroico e destemido como os cavalleiros das suas lendas, sahir-se em defesa da propria dignidade vindicando-a, até á ultima, de todas as affrontas e de todos os ultrages; se o contemplo assim, não acabo que não diga comigo: a verdade é que foi o maior enlevo, o grande trabalho, a grande corôa d'este homem!

Bemaventurado quem, no conceito da posteridade, determina e merece uma hesitação d'esta ordem; bemaventurado, principalmente, quem a merece tão cedo, estando ainda fresca e desacamada a terra da sua sepultura, e, talvez, intacta de vermes toda a extensão do seu cadaver...

Para este é certa a canonisação da historia; a este

não faltarão jámais os unisonos louvores do povo, que elle doutrinou com as luzes do seu espirito, e melhorou, quanto pôde, com os edificantes exemplos da sua vida. É o significado, consolador e profundo, d'esta phrase escripta no livro de Deus: *Sapiens in populo haereditabit honorem, et nomen illius erit vivens in æternum.*

Que enorme assumpto, meus senhores, e que pequeno orador que eu sou para elle!

Deus me não desampare n'esta prova, a mais difficil, a mais tremenda a que ainda foi submettida a minha palavra.

Meus Senhores:

É este o momento em que, obtemperando aos preceitos da arte, deve o orador sagrado confessar com a mais rendida humildade os seus defeitos e requerer logo dos ouvintes benevolencias e attenções.

Não me divirto hoje d'essa praxe antiquissima apezar de saber que a benevolencia inspira-se, não se pede, e que a mais delicada attenção é sempre attributo necessario de assembléas tão superiormente qualificadas

como esta. Mas tenho de fazer uma importante declaração, que serve ao mesmo passo para explicar a minha estada n'esta tribuna e esclarecer a critica que porventura haja de fazer-se ao meu discurso.

Quando, na solidão da minha aldêa, me surprehendeu o convite para celebrar n'estas exequias os extremados merecimentos de Herculano, vi logo que, para tão ampla materia e occasião tão exigente, não chegavam as luzes do meu intendimento e os recursos da minha palavra; e, se o acceitei, — crêde-me — foi porque de todo em todo não pôde a minha gratidão recusar este serviço ao Porto, que m'o reclamava, nem a minha veneração pelo grande historiador dispensar-se de lhe render seus preitos no primeiro ensejo que se offerecia. Aliás, agradecendo a honra, declinaria o encargo.

Não fui pois insensato nem vaidoso. Entendido isto, apreciae, como fôr de justiça, as minhas palavras. Se ellas não desgostarem inteiramente a vossa expectação, que eu sei muito benevola, bom será para mim; mas se o contrario se der, já que vão perdidos os interesses da esthetica, resalvem-se ao menos as exigencias da dignidade.

Meus Senhores:

Os grandes homens são sempre o melhor e mais perfeito retrato das civilisações a que pertenceram. Prendem-se ao passado, de que são legitimo effeito, e relacionam-se com o futuro, como sua verdadeira causa. Fluxo e refluxo, acção e reacção do tempo sobre a consciencia e do espirito sobre o seculo, eis, portanto, a mais impreterivel condição para que elles hajam de ser condecorados com aquelle honrosissimo diploma.

Isto não é de modo algum o determinismo da eschola, que ergue a fatalidade em supremo dominador das consciencias, e, lôuvando-se nas conclusões da physiologia do cerebro, equipara, ante a velha noção da responsabilidade, um capitulo da historia humana a uma camada geologica do planeta. Não. Na indefinida serie do espirito, fatal e necessaria é apenas a successão dos momentos; no espaço, em que cada um d'elles se desdobra, ahi póde o livre arbitrio applaudir ou contrariar a direcção das correntes em que segue para o Infinito a alma da humanidade. Ao tempo em que o coração dos povos latinos se abria sympathicamente ás benditissimas influencias da liberdade, quantos, indo ao arrepio por esses seculos dentro, fizeram no passado ampla colheita de escuridões, e vieram depois arremessal-as ao novo sol que despontava?...

Não se lograram do almejado effeito, porque deante da humanidade que caminha é perfeitamente irretorquivel o dilemma de sujeitar-se ou perder-se; mas isso é outra cousa.

Quando a civilisação é rudimentar e simples, ás vezes um só monumento a traslada inteira: uma pyramide, como no Egypto, um sanctuario, como na India; se, porém, ella é complexa, se é já a resultante de varias forças convergentes, então, para a copiar, é exigua e insufficiente ainda a mais cheia e dilatada vida d'um homem: a edade-media está ao mesmo tempo em Abailard e em S. Thomaz, nas descompassadas ambições da theocracia e nas insurreições communaes; em Kempis, que é a culminação do mysticismo, e no Dante, que foi uma sublime revolta do pensamento.

É muito cedo ainda para se poder caracterisar seguramente este seculo em que vivemos, mas é já tempo de se lhe irem delineando as feições com que elle, por sua vez, se ha de inquadrar nas galerias do passado.

Abriu com as conquistas do primeiro imperio, ultima grande projecção das velhas glorias militares sobre o céo da moderna civilisação; sentiu em seguida o forte estremecimento das nacionalidades, despertadas pelos canhões de Bonaparte, e o brusco alevantamento dos estados, subitamente lembrados da revolução franceza;

teve saudades do passado e fez *restaurações;* attentou por duas vezes no problema economico, e vulcanisou-se logo; assistiu, quasi illacrimavel, á morte da Polonia, commoveu-se ligeiramente com os desastres do Mexico, civilisou a Russia, unificou a Allemanha, acaba de democratisar a França; teve a esplendida illusão do suffragio universal na actual centralisação politica, e o sonho, desvairado e impossivel, do total nivelamento dos homens e das classes; entrou devotamente nos templos com Chateaubriand, mas tambem applaudiu abertamente o atheismo de Proudhon; ergueu a philosophia desde o formalismo de Kant até ao absolutismo de Hegel, e despenhou-a depois na pura relatividade de Augusto Comte, desconsoladora negação do ideal nas augustas regiões do espirito; perquiriu as origens de todos os povos, subiu á nascente de todas as instituições, desfiou a trama infinitamente enredada de todas as linguas, e, desde a astronomia, que é simples como as estrellas, até á sociologia, que é complexa como o homem, todas as sciencias refundiu em novos moldes; rompeu com as estereis convenções do classicismo na litteratura, elevou-a em seguida ao setimo céo da idealidade, e fel-a baixar depois aos dominios da existencia mais positiva, mais realista...

N'isto ha febre, mas ha vida; ha erros, mas ha boa fé; ha contradicções, mas ha logica; e debaixo de tantas

apparencias divergentes e confusas, bem se vê que existe alguma cousa de constante, bem se sente palpitar uma alma vigorosa, feita de luz e de heroismo, epica e sentimental, amoravel e revolucionaria, com uma grande paixão, que é o trabalho, e um alto e nobilissimo ideal, que é a liberdade.

Ora d'estas qualidades, sem duvida alguma as principalissimas do nosso tempo, não tem a civilisação portugueza mais puro nem mais completo exemplar do que Alexandre Herculano. O seu caracter, apenas aberto ás analyses do estudo, ergue-se logo ás eminencias d'um symbolo. Ainda não é uma historia, e é já uma das nossas mais gloriosas lendas. Ora a lenda é sempre uma das fórmas da epopêa.

Moço ainda, deu por sua vez á causa liberal a consagração do martyrio e da coragem. Emigrou em 1831, e repatriou-se depois na expedição de D. Pedro.

A posteridade, n'um assomo de egoismo, esquece-se dos tormentos do emigrado para só applaudir e festejar quantas venturas se desataram, para as sciencias e para as letras, da perseguição que em annos tão verdes lhe moveram os inimigos seus e da patria. Apontado no livro negro da policia, e promettido aos infernos da vingança partidaria, ainda que lhes escapasse, a não ser o

exilio de certo não madrugaria tanto para as sagrações da gloria, e para o serviço do seu paiz e de todo o mundo.

Dirigiu-se para Inglaterra. Fugindo ás tempestades da patria, rendeu-se inteiramente á discrição do destino. Pouca melhoria foi para os seus interesses do momento, porque a certeza d'um grande mal em pouco excede as incomportaveis ancias de quem, logo a duas milhas da barra, se encontra a braços com o imprevisto, com o ignoto... Mas na immensa solidão do mar, sobre a infinita escuridade das ondas, em meio d'aquelle mysterioso concerto de rugidos e de vozes, de imprecações e de lamentos, em que ás vezes parece haver a calma serenidade do extase e o flebil murmurio d'uma prece, e logo depois rompem as crispações medonhas, as visagens, as blasphemias, em momentos seguidos um spasmo e uma syncope, — e tudo isto debaixo do claro sol impassivel...; ahi, deante d'esse grande espectaculo, formidavel e extranho, quem sabe se na alma do moço poeta despertaram, pela primeira vez, as linhas e as fórmas do que havia de ser mais tarde a *Harpa do Crente e o Monge de Cistér?...*

É possivel. O espirito e o coração, só depois de impressionados pelos fortes aspectos da natureza cosmica e do mundo moral, é que pensam e criam os livros da razão e os poemas do sentimento; e por outro lado,

como disse Alfred de Vigny, *uma grande vida é sempre o pensamento da adolescencia, realisado mais tarde na edade adulta.*

Dos nevoeiros da Inglaterra, onde vivera alguns mezes triste, nostalgico, pobre, incerto do futuro, Herculano trasladou-se para a França. Ao pisar o sólo d'essa augusta metropole do espirito e das letras, desopprimiu-se-lhe o peito e a alma dilatou-se-lhe. Era natural. Voltava a ver o céo do meio-dia, que é a mais formosa cupola da phantasia e da arte, entrava n'um paiz habitado por povos da sua raça, ia talvez tractar e conhecer os homens a quem mais queria pela sympathia da intelligencia, e, sobre tudo, respirar aquelle luminoso e clarissimo ambiente, onde, antes de os assimilar o mundo, circulam sempre os grandes affectos e as grandes idêas.

O periodo que a França atravessava então era um dos mais fecundos e interessantes. A revolução de julho, que fôra saudada enthusiasticamente pelos liberaes de todo o mundo, apenas transcorridos dois annos estava já a pique de perder-se, atacada quasi ao mesmo tempo pelos industriaes de Lyon, pelos legitimistas da duqueza de Berry, e pelos republicanos que protestavam ardentemente a sua fé sobre o cadaver do general Lamarque. Luiz Philippe dava os primeiros indicios da notavel indecisão do seu caracter, e, sob a influencia da má estrella que o perseguiu sempre, dava de mão a Lafayette, a

Laffitte, a Dupont de l'Eure, para se entregar, quasi sem condições, a de Broglie e a Casimiro Perier. O espirito scientifico, impellido pelas grandes lições professadas publicamente, nos ultimos annos da Restauração, por Guizot, que ensinara os fundamentos da historia, por V. Cousin, que coara das suas nebulosidades a philosophia allemã, e por Villemain, que formulara e resolvera as maximas questões da litteratura, proseguia livremente nas suas gloriosas conquistas. O romantismo erguia-se como uma aurora no céo da França, levando presos aos seus raios os nomes mais famosos na arte d'este seculo...

Do gratissimo embevecimento em que de certo o tinham então em París os muzeus e as bibliothecas, os homens e os monumentos, despertou o illustre emigrado á voz de alarma, que soava a congregar no rochedo da Terceira os dispersos soldados do exercito libertador. O que foi esse rochedo, e o que valeu esse exercito, transcende os recursos da oratoria; a epopêa que o celébre.

Em 1832 está Alexandre Herculano nas linhas do Porto, simplesmente soldado, um numero no seu regimento, uma das infimas unidades do exercito. O seu nome não teve a gloriosa consagração marcial das ordens do dia, mas, se pelo estylo se recompõe o homem, o auctor da *Historia da Inquisição* foi de certo um guerrilheiro valente e destemído.

Eu bem sei que á gloria do eminentissimo pensador importa isso quasi nada; mas importa muito á gloria do Porto, mas importa muitissimo á gloria da liberdade. A Grecia não deveu talvez, nas heroicas pugnas da sua independencia, a infinitesima parte d'uma victoria á bravura de Byron, e todavia os fastos da sua historia esmaltar-se-hão perpetuamente com o nome d'esse enormissimo poeta, cujo martyrio, redimindo-o das suas faltas, ao mesmo tempo honrou aquella causa e afervorou os brios d'aquelle povo. Ora eu, quando revivo na minha mente as varias phases do cêrco do Porto e, á luz do sol ou ao clarão das fogueiras nocturnas, afiguro nos seus uniformes militares os vultos de Herculano, de Garrett e de José Estevão, e depois, n'um novo relanço, imagino ver a grande cabeça pensativa e triste de Mousinho da Silveira,—sinto a irresistivel necessidade de dizer que não devia, que não podia ser vencida a causa que elles pleiteavam aqui sob o glorioso commando do duque de Bragança!

D'outro modo o genio era uma mentira, e os grandes homens não tinham na sociedade missão analoga á que exercem na terra as grandes montanhas: não eram os primeiros reveladores da luz quando ella mal desponta ainda sobre os horizontes da consciencia!

Pouco antes de terminar a guerra civil, o voluntario da liberdade encostou a espingarda, e principiou o sabio as suas iniciações. A patria estava liberta da tyrannia, mas urgia redimil-a da ignorancia; e, se aos laureis do triumpho não faltavam frontes e sobravam pretendentes, raros havia que a vocação do genio tão singularmente predestinasse ás requestas da sciencia, em toda a parte penosas, mas na nossa terra, sobre penosas, sempre despremiadas.

Quando um acto da dictadura collocava Herculano na bibliotheca publica d'esta cidade, se alguem pensaria então no enorme alcance d'esse acto... Parece que a liberdade, em vesperas já da victoria decisiva, destacando o seu mais intelligente soldado das fileiras do exercito para o encerro d'uma bibliotheca, previa quanto de futuro, para conservar-se e manter-se, necessitaria os extremados talentos e a inquebrantavel coragem d'aquelle insigne combatente.

Em quanto elle consumia no estudo os mais florentes dias da sua mocidade, cá fóra, no mundo a que era extranho, realisava-se a lei historica, que faz sempre seguir de tumultos e dissidios toda a mudança, quando violenta, no regimen dos estados. Porque é certo, meus senhores, que a temperatura a que se sáe d'uma revolução não é a mais apropriada aos ensaios d'uma nova fórma de governo. Fica-se com o habito de com-

bater em todo o momento e a todo o transe; as convicções escandecem-se facilmente; uma simples divergencia de principios altêa-se logo a uma absoluta incompatibilidade de consciencias; a voz dos oradores trôa, como um canhão, em accentos indignados; as replicas rompem de todos os lados insoffridas e vehementes; o recinto d'uma assemblêa parece um campo de batalha.

Entre nós deu-se alguma cousa de similhante logo depois de 1834. A opposição aos homens, que se succederam no governo até 1836, posto que fundamentada em boas razões, foi notavelmente apaixonada no parlamento e na imprensa.

A *Carta,* no ponto de vista do seu valimento politico, o desbarato da fazenda que se ia de foz em fóra, a grande parte que n'isso eram os ministros d'então e a porção de responsabilidade que ainda ficava á corôa, eis os themas mais acremente glosados pela eloquencia parlamentar, pela imprensa jornalistica, pelo pamphleto incendiario, nos clubs, nos salões, nas praças, na loja do artista, na caserna do soldado, de todo o feitio, em toda a parte. Accrescente-se a isto muita esperança mallograda, muita ambição não satisfeita, e o fervilhar contínuo de velhos odios e de pequeninas intrigas, que apparece sempre como a escuma das situações revolucionarias — e ter-se-ha talvez delineado o quadro do que Portugal foi n'aquelles dias.

O governo, apertado de todos os lados, para se poupar aos raios que a tribuna lhe fusilava, dissolveu a camara e interrogou o paiz. O paiz respondeu-lhe com a revolução de 9 de setembro de 1836.

Esta revolução, meus senhores, pelas boas intenções de que se moveu, pelos honradissimos nomes que exaltou nos seus escudos, e, sobretudo, como symptoma de hombridade politica, foi verdadeiramente gloriosa; mas pelas difficeis circumstancias do tempo, e na incerteza do que ella resultaria para este paiz, mal recobrado ainda das cruentissimas contenções da guerra civil,—foi inconveniente, porque podia ser desgraçada.

Herculano encarou-a sómente por este lado. Desperto das suas embevecidas meditações ao estrondo da revolução que triumphava, estremeceu de afflictissimo horror deante do que lhe pareceu o maximo infortunio da patria. A sua phantasia emprestou depois ao quadro as mais carregadas côres. Viu perdido o fructo de cem batalhas bravissimamente pelejadas contra o despotismo, e impossivel tirar da guerra finda os corollarios que deviam justifical-a nos juizos do futuro. O povo afigurou-se-lhe desvairado, cego, terrivel na sua impersonalidade, uma paixão sem logica, uma força sem ordem. Por outro lado, a *Carta* obrigava-o pela lealdade de soldado, e a memoria do imperador, de quem foi sempre muito devoto, arrastava-o para o lado da rainha, natu-

ralmente indicada como centro de resistencia ao movimento popular. Então do seu espirito, exulcerado por duvidas e anceios, lugubremente visionario, apaixonado e descrente, desesperado de toda a salvação para a sua terra e para a liberdade, sahiu um grito sublime, vibrante e lamentoso, repassado de tristeza como os threnos de Isaias, tremente de coleras como as phrases de Daniel.

Foi a *Voz do Propheta.*

A revolução, fechando o seu cyclo sem os desastres annunciados, tirou á *Voz do Propheta* o valor d'uma elegia nacional; mas esse livro ficou e ficará sempre para mostrar como eram vehementissimas as convicções d'aquelle tempo, e, ao mesmo passo, patentear os finos quilates do pensamento e da palavra do seu auctor, quando ainda apenas contava 27 annos da sua edade!

O ardente pamphletario de 1837 não se conservou por muito tempo na politica militante do seu paiz. Resgataram-lhe o compromisso os acontecimentos de 1842. O partido conservador, que, desde o seu principio, tinha adoptado para timbre a *ordem* e a *legalidade,* e jurara depois a constituição de 1838, renegou das suas tradições, passou por sobre as palavras do juramento, fez pedaços a legenda da sua bandeira, e foi pedir a uma sedição militar a satisfação de velhas vaidades irritadas.

Desde esse dia, Herculano não podia pertencer-lhe. Transigir é dobrar-se, e Alexando Herculano era de bronze. Abandonou então o parlamento, aonde o haviam elevado os sempre honrosos suffragios d'esta cidade, e não voltou lá mais.

Em boa hora foi. Tanto ou mais do que a politica mereciam-no as letras. Mereciam-no e necessitavam-no. A politica requer cidadãos virtuosos, mas as letras precisam de espiritos eminentes. E são estes que fazem aquelles.

E podia, sem magua nem remorso, deixar a outros o encargo do governo e as glorias da tribuna quem, como elle, nasceu poeta, quem se sentia capaz de reviver pela phantasia os dramas do passado, quem tinha forças para vencer a maior altura na montanha d'onde a sciencia traça e allumía o caminho das gerações. Era já muito complexo o seu destino, e o louro não vale menos do que a palma. O politico influenceia as vontades, mas o sabio governa as consciencias; ora sobre a consciencia portugueza é certo que nenhum homem de letras exerceu ainda imperio mais absoluto e menos disputado do que Alexandre Herculano. Nem Castilho, o sublime poeta; nem Garrett, o grande dramaturgo.

Mas como não havia de ser assim, se elle foi o mais genuino interprete do seu tempo, e o mais vigoroso revolucionario da sciencia e da litteratura do seu paiz?

Como não havia de ser assim, se elle, como Schlegel e o auctor do Fausto na Allemanha, como Manzoni na Italia, como G. Sand e Victor Hugo na França despertou esta nacionalidade do lethargico torpôr de muitos seculos, e, antes de modelar-lhe as fórmas do passado nos marmores da historia, lhe mostrou na propria consciencia d'ella, como um astro na amplidão dos céos, o verdadeiro, o só legitimo ideal da sua arte?...

Desacatar-lhe a auctoridade, não lhe acceitar os exemplos e as lições, a elle e aos que comsigo cooperaram nas modernas revoluções do espirito, valeria o mesmo que dizer ao seculo: «Vae, prosegue na tua marcha triumphal, filho de seis mil annos de luctas e de trabalhos; arrasta na tua carreira, vertiginosa e brilhante, as gerações que encontrares, interessa-lhes o sentimento e a razão nos dramas da sua raça, e ao ideal antigo, inspirado pela Grecia que é uma morta, substitue-lhes o ideal moderno, que se inspira da humanidade sempre viva; faze tudo isso, que nós ficaremos ainda na feitiça atmosphera das velhas convenções, como catalepticos na sua mortalha, existentes mas inuteis, vivos mas inertes!» E isto não póde dizel-o um povo.

Por isso Herculano, ou desferisse da sua harpa as harmonias do sentimento, ou, como Walter Scott, resuscitasse para as fórmas da lenda o viver de antigos tempos, ou regesse superiormente o mais alto magisterio da

sciencia portugueza, teve sempre da sua mão, admirados e affectuosissimos, os melhores espiritos e os mais opulentos corações da nossa terra.

Poeta, os seus carmes sentimentaes e grandiosos parecem formados de bondade e de luz. Quando ainda muitos rebaixavam o ideal artistico ao impudico muladar de todas as sensualidades ou entrajavam a sua musa, casta mas esteril, na já gasta roupagem dos mythos hellenicos, Herculano, idealista como Lamartine e christianissimo como Klopstok, escreve e publíca a sua *Harpa do Crente.*

Quem a não leu? Quem não amou, através d'aquelles versos, a alma piedosa e sublime, profunda e melancholica, que fugia aos tumultuosos bulicios do mundo e ia buscar inspirações e gemer saudades aos pés da cruz solitaria erguida na clareira da serra, á hora do sol-posto, quando a lua, repontando no horizonte, começa de banhar com os seus clarões as chapadas dos montes e o vulto das florestas ondeantes e murmurosas?...

E, na velha cathedral, onde por horas mortas da noite a voz austera do monge entôa os psalmos de David e as lamentações de Jeremias, ao som do orgão que soluça no côro, e ao sussurro do vento que forçando os

umbraes do portico, revoando pelas enormes arcarias e quebrando-se nas columnas do templo, cáe e expira depois na campa das sepulturas; ahi, aonde nos conduz o seu genio profundo e apocalyptico, quem se não sentiu mais crente, mais cheio de ideal, mais proximo de Deus?...

Pois este fogo sagrado, de que se lhe alimentou a inspiração poetica, este proposito de passar ás seductoras fórmas da arte o que ha de mais nobre e puro na philosophia humana e na revelação divina, egualmente transparece nas virtuosas intenções das suas narrativas e dos seus romances.

Se ás margens do Chryssus, n'aquella tremendissima batalha em que duas raças inimigas se encontram e batem em duello de morte, o cavalleiro negro, rompendo pela selva dos combatentes com a clava terrivel e o cortante frankisk, reanima as phalanges godas e leva a desolação e o terror ás alas dos mussulmanos,—é porque o amor da sua terra e o amor da sua religião, os dois mais vehementes affectos de corações incontaminados e fortes, lhe emprestam todas as forças e incutem todos os alentos. No capitulo de Sancta Maria da Victoria e sob o fecho da sua *abobada,* o inspirado auctor d'aquelle poema de granito, o architecto Affonso Domingues, cego e velho como Homero, se deixa escoar-se-lhe a vida pelas longas horas fataes dos tres dias constantes do

seu voto, — é porque o forçam a isso a propria dignidade, compromettida n'um lance arriscadissimo, e a justa ambição da gloria, que o convida desde os aditos da eternidade, a par e passo que elle vai já resvalando lentamente pelas ladeiras da morte. E o *Parocho d'aldêa,* tão bom, tão jovial, tão portuguez, desenhado com tanta realidade e tamanho primor artistico, se nos arrebata e commove, se nos consola e edifica — é porque elle, o adoravel pastor, personifica perfeitamente o Evangelho, que é um thesouro de verdades e uma surgente de virtudes, a eterna palavra de Deus e a maxima felicidade do homem!

E esta é, meus senhores, a verdadeira missão, o verdadeiro destino da arte: ser uma consolação e ser um deslumbramento; temperar com os sorrisos da natureza as lagrimas das cousas; argumentar com o bello em favor do bom; ter fogos como o Horeb e o Sinai, e gemidos como os salgueiros de Babylonia; ser o céo das nossas consciencias, cheio de mysterios e cheio de estrellas; extrahir do entendimento a sua luz e distillar do coração os sêus perfumes; ter a fórma do que é incoercivel e vago, fazer da natureza o pedestal do espirito e mostrar sobre os cumes da historia, illuminados pelo Infinito, a liberdade, martyr do passado e rainha do futuro, brilhante como o sol e formosa como uma estatua...

Mas o sabio ainda sobreleva ao artista, mais ainda pelos incomportaveis sacrificios que essa gloria lhe custou do que pelos sulcos de luz que o seu raciocinio, diamantino e penetrante, rasgou no mais escuro e remoto passado da monarchia.

A arte, posto requeira aos seus cultores observação e estudo, tem como agentes principalissimos a intuição e a phantasia: ora a intuição é sempre uma vibração luminosa e rapida, e a phantasia, para os seus eleitos, reveste-se de decorações tão peregrinamente surprehendentes e formosas, que vel-as é ficarem-se logo embevecidos n'ellas, e alheados de tudo o que lhes pareça extranho. Ao invez d'isto a sciencia, que é uma analyse impertinente, morosa, toda encrespada de duvidas, e por mais longe que a levem, ao cabo de todos os trabalhos, surde sempre, como marco movel mas inconquistavel, uma interrogação, um mysterio.

Bem certo que se ao homem fosse dado, pela só virtude das suas energias, alcançar o Infinito, não seria com a idêa que elle realisasse o prodigio: seria com o sentimento!

Alexandre Herculano dedicou-se á historia do seu paiz. Fel-a, creou-a. Ainda n'isto foi do seu tempo, porque a historia, como ella deve fazer-se, é a gloria suprema d'este seculo. E que bem lhe tem ella pago! Que mina de inspirações para os seus artistas, que

prestimoso ensinamento para os seus politicos, que meiga alentadora dos seus martyres e da sua philosophia, pratica e sublime, profunda e clara, que eloquente lição e que inabalavel fundamento!

É a melhor eschola dos povos; é a mais forte cidadella dos seus direitos. Haja alguem que, tão ousado, galvanise os seculos extinctos e venha propôl-os, com o seu forçado cortejo de tyrannias, ao dominio das consciencias; e ver-se-ha como a historia, apontando para o amplo cemiterio em que elles jazem, bradará logo: mortos, mortos para sempre...

Devemos a Alexandre Herculano a revelação da nossa consciencia nacional. Um povo não póde dever a um homem mais largo beneficio.

Antes d'elle a nossa historia era um conjuncto de lendas monasticas, muito piedosas ou muito refalsadas, sem a comprehensão profunda das leis sociaes a que obedecemos como povo, sem a clara intuição da logica a que se subordinaram as idêas e as obras dos que nos precederam; era um montão confuso, uma sobreposição informe de factos, tendo por fonte ou as chronicas primitivas, muito deficientes (embora apreciaveis como manifestação do nativo espirito portuguez) ou os livros posteriores ao seculo XV, em que havia a discri-

minar, com enorme trabalho, dos laivos da erudição classica os traços puros da tradição nacional.

Era isto a historia portugueza na primeira metade d'este seculo, quando lá fôra, na França, na Belgica, na Allemanha, tinham já vindo a lume as respectivas *origens* nacionaes, estava perfeitamente determinada a linha da evolução mediéval e apurada de todo a resultante da formidavel lucta entre a resistencia do elemento romanista e o expansivo desenvolvimento das aspirações germanicas. E, porque necessitavam de novo objecto para o seu estudo, os espiritos mais eminentes da Europa ou se davam á custosissima interpretação do Oriente, ou então, mediante as mais pacientes indagações pre-historicas, levavam um ou outro raio de luz ao periodo inconsciente da humanidade.

Portugal estava assim, cem annos depois da morte de Vico!

Herculano intentou libertar-nos d'esta indignidade. E conseguiu-o. A critica de Herder não foi mais potente, o estylo de Macaulay não é mais perfeito.

Bem quizera eu dizer-vos o que valem as obras historicas de Herculano, e mostrar-vos como n'elle se congraçaram, na mais regrada harmonia, estas duas qualidades tão preciosas e tão raras: a inspiração, essa quasi prophecia do passado, e o juizo prudencial, que combina felizmente a significação immediata dos

factos com as leis eternas do espirito. Quizera mostrar-vos como elle resumiu no seu entendimento e compendiou na sua palavra a alma, tão longinqua e tão complexa, dos primeiros seculos da monarchia, comprehendendo toda a força da nossa raça n'aquelles momentos da sua vida, pensando e sentindo com ella antes de a julgar com o criterio moderno, em toda a verdade nacional sem deixar de ser humanitario. Quizera lembrar-vos o talento, conjunctamente historico e dramatico, com que elle faz que revivam na tela dos seus livros os homens com o seu pensamento, as classes com os seus interesses, as instituições com o seu espirito, e as reune, as entrelaça umas com outras, as move nas direcções mais logicas e mais reaes, como se de tudo isso fôra realmente contemporaneo. Quizera fallar-vos d'aquelle duello, tão magistralmente descripto entre a theara e a corôa, entre os pontifices possessos da ambição de governar tudo e os nossos reis a concentrarem cada vez mais em si a força do seu dominio. Quizera, principalmente, avivar aqui as grandes revelações que elle nos fez do municipio na edade-media, essa verdadeira aurora, sempre combatida, mas sempre persistente, da democracia moderna...

Mas não m'o consente a natureza d'este recinto. Estamos n'um templo, não estamos n'uma academia. Ainda bem que Portugal sabe, e sabe todo o mundo, que este

seculo não fructeou, ao menos para os povos neo-latinos, organisação mais de molde affeiçoada para trabalhos d'aquella ordem: nem a de Guizot, que é nimiamente doutrinario, nem a de Michelet, que é muito visionario e muito lyrico, nem a de Thierry, em quem ás abundosas faculdades analyticas não corresponde um alto espirito generalisador e largo.

O que muitos ignoram talvez é a immensa força de vontade que, da parte do grande historiador, suppõem e revelam os seus livros: as noites, que tão rapidas vôam nos saraus e nos theatros, desvelando-as elle no estudo; vivendo longas horas de cada dia na profunda solidão das bibliothecas e na pulverulenta atmosphera dos cartorios; manuseando a todo o momento esquecidos pergaminhos e velhos codices de caracteres quasi puidos e indecifraveis; inutilisando um capitulo por causa d'um facto, repudiando uma philosophia por causa d'uma data; versando as linguas, a geographia, a archeologia, a jurisprudencia, a religião, a arte, a guerra, a industria, as multiplas faces da nossa existencia civil, e ainda o viver dos povos mais affins do nosso pelo tempo e pela raça; peregrinando por todo o paiz, visitando todos os archivos, interrogando todos os monumentos, arrancando de cada pedra uma inscripção, de cada portal uma legenda, de cada quadro e de cada estatua um affecto ou uma idêa, e fundindo tudo isto nos moldes

da sua critica, e extraindo d'esta desordem uma logica luminosa, e organisando com estes elementos a sua obra immortal, esplendida, unica! Porque foi assim, meus senhores, que elle fez a Historia de Portugal. Este sol irrompeu d'aquella noite.

Henri Taine, perquirindo as origens da França contemporanea, de tantos e tão claros documentos se viu ladeado, attinentes aos homens de quem buscava a historia, que por vezes teve a tentação de lhes fallar alto, e conversal-os; para Alexandre Herculano, perdido nas escuridões da edade-media portugueza, só de longe em longe, e muito de fugida, podia haver similhante gozo. Era tão minguada a luz! E tão espessas as trevas!

D'este trabalho arduo, custoso, arripiado de asperezas, é certo que ergueu mão algumas vezes. Mas sabem para quê? Foi para bradar, com a sua grande voz, misericordia e piedade para as pobres monjas de Lorvão, semimortas de fome no seu convento, n'aquella tumba de granito perdida nas serras da Beira agrestes e sombrias; ou então para clamar aos governos d'esta terra, em phrases trovejantes e indignadas, que se a liberdade, porque muito offendida, podia obter desculpa de expulsar os frades, o que não tinha, o que não podia ter era o direito de os ludibriar na sua velhice, de os insultar na

sua desgraça, de os deixar perecer á mingua por essas estradas, e, quando elles estendiam a mão tremula e supplicante, de lhes entornar sobre a cabeça uma chuva de vilipendios e de ignominias.

E eis aqui um dos traços mais relevantes da sua physionomia moral: não surdiu á tela da discussão um problema social ou politico, não houve uma questão de justo interesse para todos nós, nem nos veio uma grande afflicção nacional, que a sua palavra, reflectida e forte, sempre de bom conselho, faltasse, ou se fizesse esperar muito. N'elle a justiça era uma lei, e o amor da patria um affecto sagrado. Entendia as cousas assim, e não as entendia mal. Se chegou a ter os defeitos d'essas grandes qualidades, quem ha ahi que lh'os não indulte?...

É d'este caracter que o seu genio recebe a maior luz, e d'estes sentimentos, temperados na bondade e na justiça, é que deve compôr-se o glorioso remate da sua memoria. Porque, meus senhores, que sejam infalliveis, que não errem nunca, não póde justamente requerel-o a humanidade dos que n'ella têm a soberana primazia da intelligencia; mas póde, mas deve exigir d'elles que, se errarem, não errem de má fé, e, sobre tudo, que a sua consciencia clara, direita, digna, quanto possivel estanceie superiormente ás infinitas miserias do mundo. E n'isto Alexandre Herculano attingiu as perfeições do mais extremado modelo, que possa propôr-se e recommendar-se.

Deante dos seus livros erga-se a posteridade, e julgue-os com desassombro: têm, não podiam deixar de ter, a par de grandes verdades e de muitissimas bellezas, erros e imperfeições; mas deante do seu porte austero, da sua honra immaculada, da sua vida honesta e sobria, da intemerata moralidade dos seus costumes, da genial franqueza da sua alma, da rude, mas sympathica tempera da sua palavra, quer a dirigisse aos reis a quem servia, quer a endereçasse ao povo de quem mais era, — curvem-se respeitosos os homens de boa vontade.

E se um dia o nosso paiz quizer representar nas fórmas da estatuaria a dignidade civica, modele o vulto de Herculano em bronze!

Ao tempo em que emergiu da profunda cerração dos seus trabalhos com os grandes livros da sua Historia, estalou-lhe em cima uma formidavel tempestade. Isto é mais ou menos conhecido..

Elle não queria que lhe povoassem o peito de condecorações, que o carregassem de distincções nobiliarias, que lhe lançassem aos hombros os arminhos de par, que o erguessem de plebeu, que era, a titular, que podia ser, ou que, em capitolio improvisado, lhe decretassem uma coroação solemne: quasi tudo isso lhe offereceram, e o mesmo foi que recusal-o elle; queria simplesmente,

dos poderes publicos, inteira isenção de estorvos ao seu trabalho, e da parte dos seus concidadãos o respeito devido a quem pratíca o bem, ou, pelo menos, o esquecimento a que tem direito quem nunca fez o mal.

Pois nem isso... Ia a esquecer-me de que, subindo os degráus d'esta tribuna, eu trouxe sómente, em satisfação ao meu ministerio e para honra d'esta solemnidade, uma corôa de louros e um ramo de saudades...

Desde então Alexandre Herculano annullou-se irremediavelmente para as sciencias e para as letras.

Portugal soffreu uma perda enorme, irreparavel: a perda do seu primeiro sabio, do mestre a quem devia os mais válidos ensinamentos, que era o mais bello esmalte da sua lingua, a typica representação do seu genio nacional, uma grande gloria pelo seu passado, e ainda, para o futuro, a mais promettedora esperança. Vá, a quem pertencer, tão tremenda responsabilidade.

Fugindo ao convivio dos homens, que o dissaboreava profundamente, e elegendo a sua habitação na melancholica solidão d'uma aldêa, elle, que tinha aberto, a puros golpes de raciocinio, os seios do passado para lhe surprehender as verdades, passou a rasgar as entranhas da natureza para lhe desvelar os segredos. Deante do seu genio penetrante e forte, parece que não podiam as cousas humanas conservar por muito tempo os rebuços d'um mysterio, as sombras do incognito!

Ahi o colheu a morte. Foi ao chegar do outono. O verão ia quasi findo, os horizontes desmaiavam já ao pôr do sol, as folhas das arvores emmarelleciam tristemente, começava a desfazer-se pouco a pouco o matiz dos campos e dos montes,—quando lhe soôu a hora de partir para a eternidade. Partiu. Lá está.

Reine perpetuamente a paz sobre a sua sepultura, illumine-lhe a memoria a justiça dos homens, e seja para sempre com a sua alma a infinita misericordia de Deus.